

ANUÁRIO DE LITERATURA

UMBRAL

OS MARCOS SÃO: O CONTO, A REZA E O EVANGELHO

Verônica Ribas Cúrcio [1]

RESUMO: Propomos neste trabalho fazer, primeiramente, uma breve leitura do conto *São Marcos* de João Guimarães Rosa e, em seguida, um diálogo de aproximações entre esse conto e o *Evangelho de São Marcos*. Os dois textos discorrem sobre fé e religiosidade, tendo a crença como forma única de salvação. No primeiro texto, o protagonista, cético e ao mesmo tempo supersticioso, passa por uma experiência de transformação. O que o salva é a fé na palavra, na oração de São Marcos. Já no segundo texto, o evangelho, é resumida uma parte da história de vida de Jesus, a partir do seu batismo até sua ressurreição e nesse percurso vários milagres e curas efetuados por Jesus são narrados como exemplo de fé incondicional.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho de São Marcos, comparações, Guimarães Rosa.

ABSTRACT: In this work to we, firstly, intend on making a brief analysis of Guimarães Rosa's short story, *São Marcos* and, following, a comparison between this story and the *Gospel of Saint Mark*. Both texts discourse on faith and religion, and belief as the only form of salvation. In the first text, the protagonist, superstitious, and at the same time skeptically, passes trough an experience of transformation. What saves him is the faith in words, in the prayer of Saint Mark. In the second text, the *Gospel*, a part of the story of Jesus' life is summarized, from the time of his baptism to his resurrection and trough this time various miracles and cures done by him, told as examples of unconditional faith.

KEYWORDS: *Gospel*, comparisons, Guimarães Rosa.

A questão do cristianismo, assim como reflexões religiosas ou filosóficas são uma constante na obra de Guimarães Rosa, e acompanham toda a narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, dando fôlego à falação e aos questionamentos de Riobaldo, aparecendo também em contos de *Sagarana*, de *Corpo de Baile*, *Primeiras Estórias*, enfim, é uma constante que permeia praticamente toda a obra deste escritor mineiro.

Em *Caos e Cosmos*, no capítulo *A Bíblia e os Evangelhos*, Suzi Sperber, tendo acesso à biblioteca de Rosa, faz um longo comentário sobre as anotações do autor que foram encontradas em diferentes versões da Bíblia. A autora afirma que Rosa fazia uma leitura muito interessada da Bíblia e que é possível encontrar às margens bíblicas uma série de observações acerca de temas tais como fé, reza, milagre, medo, inferno, enfim, anotações que sugeririam prováveis reflexões para o escritor. Sperber ressalta que as edições do Novo Testamento lidas por Rosa são anteriores à redação de *Sagarana* e que parecem ter recebido muita atenção, em especial os Evangelhos. Contudo, a autora afirma não surgirem

textualmente parábolas evangélicas em *Sagarana*, mas uma narrativa que busca exemplaridade correspondente à essa função parabólica. Ela dá exemplos como o do surgimento de frases feitas em forma de ditados, que tendem para uma naturalização mítica[2].

Para realizar esta pesquisa por analogia entre a narrativa de Guimarães Rosa e os textos bíblicos, propomos neste trabalho fazer, primeiramente, uma breve leitura do conto *São Marcos* e, em seguida, um diálogo de aproximações entre esse conto e o *Evangelho de São Marcos*. Os dois textos discorrem sobre fé e religiosidade, a crença no misterioso, no estranho, no desconhecido como forma única de salvação. No primeiro texto, o protagonista, muito cético e ao mesmo tempo supersticioso, passa por uma experiência profunda de transformação, sendo vítima de feitiço, sofrendo uma situação de vida e morte. O que acaba salvando-o é a fé na palavra, na oração de São Marcos. Já no segundo texto, o evangelho traz a história da vida de Jesus a partir do seu batismo até sua ressurreição e nesse percurso são narrados vários milagres e curas efetuados por Jesus como exemplo de fé incondicional.

Não pretendemos fazer aqui nenhuma relação imediata e restrita entre os protagonistas do evangelho e do conto. Ora estaremos apontando semelhanças entre os dois e ora estaremos dando atenção a personagens secundários (mais diretamente do conto), com a intenção de relevar unicamente as situações que porventura seriam passíveis de analogias.

O Evangelho de São Marcos

Sabemos que a Bíblia é composta por diferentes livros, sendo que dos seus 63 livros, somente 4 são evangelhos. Os evangelhos não são obra dos apóstolos, mas passagens de uma tradição oral fundada por eles. Excetuam-se João e Mateus, que foram apóstolos e evangelistas. Apesar desse caráter de transmissão oral, os textos não indicam homogeneidade, cada evangelista dá o seu testemunho de acordo com as condições em que foram redigidos:

Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio (...) [3]

Os livros evangélicos se encontram na seguinte ordem: evangelho de *São Mateus* (escrito cerca de 80 d.C. em Antioquia da Síria). Mateus era cobrador de impostos, seu livro foi escrito originalmente em aramaico e logo depois traduzido para o grego, texto que em tal idioma foi canonizado pela Igreja[4]. O segundo é o Evangelho de *São Marcos* (entre 60 e 70 d.C.), Marcos teria 20 anos de idade ou cerca de 10 a 15 anos a menos que os discípulos na época da crucificação de Jesus. Seguindo a organização bíblica encontramos, na seqüência, o Evangelho de *São Lucas* (posterior a 70 d.C.). Lucas foi escritor, médico e historiador, e em seu evangelho, ele atribui mais sete milagres que não constam nem em São Mateus nem em São Marcos. Lucas se utiliza de um estilo mais polido com menos hebraísmos que os dois evangelhos citados acima. E, finalmente, o evangelho de *São João* (95 - 100 d. C.), que foi o último a ser escrito. Os três primeiros evangelhos pois narram a doutrina e a vida de Cristo.

Segundo Pápias (séc. II, bispo de Hierápolis), o evangelista São Marcos recebeu influência de Pedro, que foi testemunha e discípulo de Jesus[5]: “Pedro lhe disse: ‘Ainda que todos se escandalizem, eu não o farei!’ Disse-lhe Jesus: ‘Em verdade te digo que hoje, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás!’”[6] Marcos foi

discípulo de Pedro, e conseqüentemente, o seu próprio 'intérprete'[7]: "A vossa co-eleita em Babilônia vos saúda, e meu filho Marcos."[8]. A escrita do evangelho de São Marcos apresenta caráter homilético, seguindo uma ordem cronológica[9]. Zilles[10] considera o evangelista Marcos como o inventor desse gênero literário: o evangelho.

Conforme as datas vistas acima no texto, São Marcos se apresenta como o evangelho mais antigo e também o mais curto, com 16 capítulos, utilizando uma linguagem mais simples, carregado de mensagens em forma de parábolas e tendo como foco a vida de Jesus sob o prisma da salvação e da perdição do homem.

O evangelista dá mais espaço aos milagres em relação aos demais evangelhos (20 dos 40 milagres registrados nos sinóticos), concede também espaço aos milagres sobre curas de enfermidades, sobre a natureza, os demônios e a morte. O evangelho de São Marcos ainda apresenta conteúdos exclusivos, como a parábola da semente em desenvolvimento[11], os milagres do surdo-mudo[12] e do cego[13].

Além do título do conto de Rosa e da crença na palavra, a presença desses conteúdos exclusivos que constam somente no livro de São Marcos foi o motivo cabal que nos incentivou a buscar aproximações entre o conto e o evangelho.

O conto *São Marcos*

Em *São Marcos*[14], o personagem narrador nos é apresentado no início do conto dizendo ser avesso à feitiçaria e às outras artes. Contudo, carrega consigo apetrechos supersticiosos de modo discreto e, ao longo de sua narrativa, se refere às feitiçarias gradualmente:

Trazia comigo uma fórmula gráfica: treze consoantes alternadas com treze pontos, traslado feito em meia-noite da Paixão, que garantia invulnerabilidade a picadas de ofídios (...) Dou de sério que não mandara confeccionar com o papelucho o escapulário em baeta vermelha, porque isso seria humilhante; usava-o dobrado na carteira. Sem ele, porém, não me aventuraria jamais sob os cipós ou entre as moitas[15].

Ele traz consigo uma fé cega, que é ilusória, uma espécie de superstição que se firma como crença digna. Somente depois de uma real cegueira física, fruto de voduísmo, seguida de uma evocação fervorosa da reza de São Marcos e acompanhada por uma forte sanha, é que o personagem narrador assume sua posição de crédulo: "(...) você viu que não arranja nada contra mim, porque eu tenho anjo bom e reza-brava"[16].

O mito e a fantasia que surgem no conto se figuram como superstição e premonição, através da crença e da devoção do povo de Calango-Frito nos feiticeiros, videntes ou curandeiros: "Até os meninos faziam feitiço, no Calango-Frito."[17] Temos no conto também a tensão entre esse mito (do povo) e a racionalidade (parcial) do personagem narrador, que é percebida logo na primeira frase do conto: "Naquele tempo eu morava no Calango-Frito e não acreditava em feiticeiros"[18]. Racionalidade parcial, porque por mais que se revelem essa negação e resistência iniciais na apresentação, o personagem narrador põe a nós leitores, pouco a pouco, em contato com a crença popular (com exceção da subestória narrada sobre o duelo poético dos bambuzais) já preparando o terreno para nos colocar a sua fé através da reza que o salva no final.

O conto abre sendas para muitas leituras. Traçaremos, aqui, a experiência da linguagem como estranhamento da língua que vem através do seu uso contínuo, no simples ato de repetição, resultar em uma perda do seu sentido, permanecendo apenas o som, apenas seu encanto: "Pé por pé, pé por si... Pèporpé, pèporsi... Pepp or pepp, epp or see... Pêpe orpèpe, heppe Orcy..." [19] Igualmente no uso nominal dos reis leoninos durante o duelo poético entre os nós dos bambuzais:

E era para mim um poema esse rol de reis leoninos, agora despojados da vontade sanhuda e só representados na poesia. Não pelos cilindros de ouro e pedras,[20] postos sobre as reais comas riçadas, nem pelas alargadas barbas, entremeadas de fios de ouro. *Só por causa dos nomes.*

Ou ainda, a opinião do próprio povo de Calango-Frito acerca do novo pároco em relação ao padre falecido:

(...) com os sermões do novel pároco Padre Geraldo (“Ara, todo mundo entende...”) e clama saudades das lengas arengas do defunto Padre Jerônimo, ‘que tinham muito mais latim’... E que a frase “*sub lege libertas*” proferida em comício de cidade grande, pode abafar um motim potente, iminente.[21]

O título e o conteúdo do conto nos trazem à memória outros textos, além do evangelho: a reza de São Marcos e suas variações e o poema *Reza Brava* de *Magma*.

Sobre essa reza conhecemos algumas versões, algumas de cunho católico, outra autorizada por São Cipriano, que é igualmente utilizada pelo candomblé, e algumas variações populares com intuito de magia, simpatia ou feitiço.

É interessante notar a presença do nome Cypriano[22] no conto; ele é personagem de uma sub-estória narrada por Aurísio Manquitola. Cypriano é um amante que, junto com a mulher adúltera, incrimina o marido traído, Tião Tranjão. Sabendo disto (segundo o narrado por Aurísio Manquitola), o Gestal da Gaita, um outro personagem dessa sub-estória, compadecido pela injustiça acometida contra Tião Tranjão, o faz decorar a reza de São Marcos, para ver se de alguma forma lhe ajudaria.

Temos menção da reza de São Marcos duas vezes no conto, a primeira acompanha três páginas em uma longa conversa entre o narrador autodiegético, que iremos nomear de João-José[23], e o Aurísio Manquitola. Esse toma as rédeas da narrativa e interpola com outras histórias (como a sub-estória citada logo acima), de modo a convencer João-José que a reza é brava e que não se deve brincar com ela. O outro aparecimento da reza se dá ao final do conto, e é justamente, no momento em que o narrador personagem se encontra outra vez com Aurísio Manquitola em sua travessia. No primeiro encontro a conversa ruma em direção ao estranho, do sobrenatural. João-José zombando com a reza a inicia, para mostrar que já tinha conhecimento dela, e Aurísio tem a seguinte reação:

— Pára, creio-em-deus-padre! Isso é reza brava, e o senhor não sabe com o que é que está bulindo!... É melhor esquecer *as palavras*... Não benze pólvora com tição de fogo! Não brinca de fazer cócegas debaixo de saia de mulher séria!...[24]

Na segunda aparição da reza, ela é proferida através da boca de João-José para curá-lo da cegueira: “*E, pronto, sem pensar, entrei a bramir a reza-brava de São Marcos.*”[25]

A reza de São Marcos ganha neste conto uma característica forte e temerosa, ela não aparece na íntegra, mas é somente mencionada nessas passagens. Aurísio Manquitola explica brevemente a arte de como realizá-la: “Para fazer bom efeito, tem que ser rezada à meia-noite, com um prato-fundo cheio de cachaça e uma faca nova em folha, que a gente espeta em tábua de mesa...” [26] Ora, isso nos remete clara e diretamente à narração em forma de poema, *Reza Brava*, que apresenta a efetivação da reza:

A meia-noite já vem chegando / e é a hora boa pra rezar. / Vou queimar pólvora, vou traçar o sino, / vou rezar as sete ave-marias retornadas, / e depois a reza brava de São Marcos e São Manso, / com um prato fundo de cachaça / e uma faca espetada na mesa de jantar.[27]

Essa oração de São Marcos, tanto do conto, quanto do poema, ostenta uma carga de fortaleza que pode acarretar em prejuízo e/ou sorte. No caso do poema, a reza resultou em

catástrofe, pois o marido voltou para casa, como o desejado, porém esfaqueado, praticamente falecido. Contrário ao conto, pois, é a reza que salva João-José de sua angústia. A reza que se cumpre no conto adquire um traço de amuleto que afasta o mal recebido.

Além disso, o que visualizamos no conto é a sua grande poeticidade, desde a criação de vocábulos ao ritmo da prosa, cujos estudos rosianos tanto têm explorado. O que talvez podemos mencionar aqui, dentro dessa vastidão de elementos, vale somente para exemplificar uma vez mais o que há muito já tem sido dito. Trabalhos como o de Marques (1983), que garimpam os recursos de verbalização da obra de Rosa, a pesquisa de Ramos (1983), que produz, através de uma análise estrutural, um levantamento do campo semântico de *Primeiras estórias*, ou a de Simões (2003), que faz um recorte da utilização de provérbios, aforismos e expressões populares na narrativa rosiana, são apenas alguns dos inúmeros trabalhos que podemos mencionar. Torna-se quase impossível falar dos textos de Rosa sem nos atrelarmos, ao mínimo que seja, à palavra, bem como o próprio Rosa afirmou: “(...) há meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original”.[28]

No conto percebemos abreviações ou sínopes como “garrada”[29], “qu’ê de remédio?”(p. 243), “Güenta” (p.245), “foras d’hora” (p. 247), “língua estranja”, “creca” (p. 248); composições por aglutinação: “destamanho” (p. 244) ou por justaposição “pior-de-todos”, “meio-morrer”, “por-perto”, “deve-de”(p. 242), “corre-correndo” (p. 244), “tropical-e-cai”, “levanta-e-sai” (p. 245), “creio-em-deus-padre” (p. 247), “bem-bom”, “pouca-vergonha” (p. 249), “de-madrugadinha” (p. 251); alguns arcaísmos: alembrou, enjerizasse (p. 243). Construção de metáforas, tais como “alto azul, gláceo, emborcado; só na barra azul do horizonte estacionavam cúmulo, esfiapando sorvete de coco; e a leste subia o sol, crescido oferecido — um massa-mel amarelo, com favos brilhantes no meio a mexer.” (p. 243-244), “Passou ainda uma borboleta de páginas ilustradas” (p. 260), “nas prateleiras dos morros cavalgavam-se três qualidades de azul” (p. 268); rimas e ritmos como: “Com isso eu me crescia, mais mandando, e o preto até que se ria, acho que achando” (p. 242), “lengas arengas” (p. 253), “com ninhos e cores, açúcares e flores, e cantos e amores” (p. 258) “Rezo. Me enfezo.” (p. 265), “quando estão em ceca e precisam ir a meca?...” (p. 265). Aliteraões e assonâncias como: “vinha vivendo o visto mas vivando” (p. 252), “um massa-mel amarelo” (244), “acho que achando” (p. 242), “oblongas glumas” (p. 252), “para aproveitar a ponte grande e para passar no pé da porta” (p. 255), “taboqueiras, tabuas, taquaris, taquaras, taquariúbas, taquaritinga e taquarassus” (p. 256), “pele e pêlos” (p. 267). Onomatopéias: “— Uf!”, “— Chuá...” (p. 258), “i-tchungs! — tchungou uma piabinha.” (p. 259), “-Quaquarâcuac!” (p. 262) e “pá-pá-pá-pá”(p. 265).

Apesar dessa multiplicidade de pontos a serem tecidos e depois de muito permear sobre solos distintos, privilegiaremos a partir de agora outros caminhos para o nosso próximo foco de leitura. A nós interessa, contudo, apresentar as situações que se coincidem entre os textos do evangelho e do conto.

O Evangelho e o conto *São Marcos*

O evangelho de São Marcos, assim como os outros evangelhos, foi escrito em grego *koiné*. [30] A conjunção grega *kai*, que se refere à conjunção coordenativa *e* do português, de 45 versículos do original grego no primeiro capítulo, ela inicia 35 versos e dos 16 capítulos, 12 começam com *kai*, e das 88 seções e subseções que compõem o evangelho, 80 também começam por *kai*[31].

Podemos fazer uma aproximação entre o conto e o evangelho levando em consideração o uso dessa conjunção “e”. No conto 77 frases se iniciam com essa conjunção, algumas delas compõem uma grande seqüência em um mesmo parágrafo, o que o faz assemelhar-se muito com o estilo bíblico:

E não é sem assim que as palavra têm canto e plumagem. *E* que o capiauzinho analfabeto Matutino Solferino Roberto da Silva existe, (...) *E* que a gíria pede sempre roupa nova e escova. *E* que o meu parceiro Josué cornetas consegui ampliar um tanto os limites mentais de um sujeito só bidimensional, (...) *E* que a população do Calango-Frito não se edifica com os sermões do novel pároco Padre Geraldo (...) *E* que a frase ‘*Sub lege libertas!*’, proferida em comício de cidade grande, pôde abafar um motim potente iminente. *E* que o menino Francisquinho levou susto e chorou, um dia, com medo da toada “patranha” (...) *E* que o comando “Abre-te Sésamo etc.” (...) *E* que, como ia contando, escrevi no bambu.[32]

Outra convergência que se dá entre os textos é no momento em que João-José está cego, em pleno desespero escuro “(...) a treva, pesando e comprimindo, absoluta.” [33] e depois de muito esperar somente ouvindo, já exausto e cheio de pancadas e picadas, implora por Deus e o Diabo, quase chorando: “Deus de todos! Oh... Diabos e diabos... Oh... (...) Nisso calei-me”[34]. Esse trecho dialoga com a seguinte passagem bíblica que já se encaminha para o desfecho do evangelho, onde Jesus já havia sido crucificado e por várias vias escarnecido e injuriado, a terra se encontrava sem luz do dia: “Ao chegar o meio-dia, até às três horas da tarde, houve escuridão sobre toda a terra”. [35] E foi exatamente às três horas da tarde que Jesus gritou: “*Eloi, Eloi, lamá sabactâni?*” [36] que teria como tradução, ‘meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ e mais adiante “*Então Jesus lançou um forte grito, e expirou.*”[37] É nessa expiração que Jesus consegue se desvincular de todo o seu sofrimento, para em seguida ressuscitar e subir aos céus. No conto, depois do chamado a Deus e aos diabos, João-José se cala e se entrega, praticamente renuncia às suas forças exauridas, mas é justo nesse momento que alguém lhe brada: “Güenta o relance Izé” [38] impulsionando-o a seguir em busca de alguma saída do meio do mato, ou seja, a saída das trevas, pois logo em seguida João-José consegue encontrar o João Mangolô e se livrar da cegueira.

Outro motivo de semelhança ocorre momentos antes da cegueira, quando João-José está em frente a uma lagoa, aconchegado entre um braço da mesma e o mato, relaxado lá a observar toda a paisagem e os movimentos da fauna. A lagoa onde ele se encontra é chamada de *Três Águas*, pois “cada lugar tem indicação e nome”: “Agora, sim! Chegamos ao sancto-dos-sanctos das Três-Águas.” [39] Fato esse curioso, pois o Novo Testamento, e no nosso caso, o evangelho de São Marcos, aponta que a travessia de Jesus se dá às margens de três águas: o *Lago de Genesaré*, o *Mar da Arabá* (Mar Morto) e o *Grande Mar* (Mar Mediterrâneo) que costeia toda a região sírio-fenícia, da Samaria e da Judéia. Lugares esses onde Jesus atuou seus milagres de cura e peregrinou em função da pregação de sua palavra: “Chegaram do outro lado do mar, à região dos gerasenos.”[40] “E foram de barco a um lugar deserto, afastado.”[41] “Logo em seguida, forçou seus discípulos a embarcarem e seguirem antes dele na outra margem, para a Betsaida, enquanto despedia a multidão.”[42] “Terminada a travessia, alcançaram terra em Genesaré e aportaram.”[43]

Para ilustrar outra tendência mencionaremos uma fala muito reproduzida por Jesus após proferir suas parábolas nos encontros com seus seguidores: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” [44] Era uma forma de alertar os cidadãos judeus e o povo pagão, de modo

enigmático e, por vezes, de dificultosa compreensão [45], sobre o anúncio do tempo de redenção, chance de remissão e salvação:

Escutai: Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso e, não havendo terra bastante, nasceu logo, porque não havia terra profunda, mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outras caíram em terra boa e produziram fruto, subindo e se desenvolvendo, a uma produziu trinta, outra sessenta e outra cem. E dizia: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.”[46]

Ora, a parábola é uma narração alegórica que, por vias de comparação, extrai um ensinamento de cunho moral. Temos, no conto, também avisos, contudo não parabólicos, que servem de alerta para a zombaria de João-José. São exemplos narrados por alguns personagens do conto que, em freqüente tentativa, mostram o devido respeito que se deve ter à crença popular, mais especificamente, à feitiçaria. Os conselhos e histórias da cozinheira Sá Nhá Rita Preta e as entrelaçadas e entremeadas situações contadas por Aurísio Manquitola servem como base de provas para a consolidação de uma crença que não deveria ser bulida, mas que João-José insiste em não acreditar. “Se o senhor não aceita, é rei no seu; mas, abusar não deve de!”[47]

Ambos os textos abordam o domínio da força da palavra a partir da crença que se deve ter nela e a salvação que se segue como resultado através de seu uso. É o que acontece com João-José, bramindo a reza brava: ele consegue se deslocar no mato indo exatamente em busca do seu malfeitor, longrando sua visão de volta. No evangelho encontramos muitas passagens de conversão pela palavra. Um exemplo que nos caberia muito bem aqui é o do cego de Jericó:

Ao sair de Jericó com os seus discípulos e grande multidão, estava sentado à beira do caminho, mendigando, o cego Bartimeu, filho de Timeu. Quando percebeu que era Jesus, o Nazareno, que passava, começou a gritar: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!” E muitos o repreendiam para que se calasse. Ele, porém, gritava mais ainda: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!” Detendo-se, Jesus disse: “Chamai-o!” Chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem! Ele te chama. Levanta-te.” Deixando o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então Jesus lhe disse: “Que queres que eu faça?” O cego respondeu: “*Rabbuni*[48]! Que eu possa ver novamente!” Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”. No mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho.”[49]

O último ponto que trazemos é o da questão do isolamento e introspecção de Jesus. Ele é impelido para o deserto pelo Espírito Santo logo após ser batizado por João Batista nas águas do rio Jordão e permanece lá durante quarenta dias e quarenta noites, jejuando e sendo tentado pelo diabo. Essa “descida aos infernos” pode ser comparada à cegueira de João-José no meio do mato, como uma passagem por outros níveis de realidade, através da experiência do corpo e da linguagem. Ao contrário de Jesus, que é impelido pelo Espírito Santo para ser tentado pelo diabo, João-José é impelido do mato pela reza à casa de Mangolô.

O que trouxemos até aqui nos remete à possibilidade de diálogo entre os textos de Guimarães Rosa e a escrita bíblica. Tivemos um ponto inicial que foi a pesquisa realizada por Sperber, que nos deu indícios do contato que Rosa tinha com a Bíblia e dos assuntos que lhe eram de maior interesse durante a sua leitura. Outro elemento que nos fez buscar mais aproximações foi o fato de ambos os textos, o conto e o evangelho, tratarem, além de outras coisas, de cegos que voltam a enxergar. Contudo, não queremos julgar que as

proximidades desenvolvidas no percurso deste trabalho entre o evangelho e o conto, foram premeditadas pelo escritor. Menos ainda fechar as outras possibilidades de interpretações que aqui não foram tratadas, mas que dizem respeito ao mesmo tema abordado. São marcos, apenas vestígios de uma leitura.

REFERÊNCIAS

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento. A pregação de Jesus*. (Tradução de João Rezende Costa). São Paulo: Paulinas, 1977.
- LORENZ, G. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MARQUES, O. O Repertório Verbal. In: COUTINHO, E. *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 101-113.
- METZGER, B. M.; COOGAN, M.D. *Dicionário da Bíblia*. Vol. I. (Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- NOVO TESTAMENTO. Salmos e provérbios. Campinas: Os Gideões Internacionais, 1995.
- PARREIRAS HORTA, G. N. B. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: J. Di Giorno, 1983.
- RAMOS, M. L. Análise estrutural de *Primeiras Estórias*. In: COUTINHO, E. *Guimarães Rosa — Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 514-519.
- ROSA, J. G. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SCHLESINGER, H. *Os evangelhos e os judeus*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- SIMÕES, I. G. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- SPERBER, S. F. *Caos e cosmos. Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.
- ZILLES, U. *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992.
- [1] Mestranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.
- [2] SPERBER, S. F. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 39-41.
- [3] *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Lc 1: 1-3.
- [4] SCHLESINGER, H. *Os evangelhos e os judeus*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 10, 19-20.
- [5] METZGER, B. M.; COOGAN, M. D. *Dicionário da Bíblia*. Vol. I. (Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002, p. 193.
- [6] *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Mc 14: 29-30.
- [7] ZILLES, U. *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992, p. 85-6
- [8] *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. 1Ped 5: 13.
- [9] SCHLESINGER, H. *Os evangelhos e os judeus*. São Paulo: Paulinas, 1985, p.10.
- [10] ZILLES, U. *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992, p. 86.
- [11] *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, Mc 4: 26-29.
- [12] Idem, Mc 7: 31.

- [13] Idem. *Ibidem*, Mc 8:22.
- [14] ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- [15] *Ibid*, p. 242.
- [16] *Ibid*, p. 268.
- [17] *Ibid*, p. 243.
- [18] *Ibid*, p. 241.
- [19] *Ibid*, p. 266.
- [20] *Ibid*, p. 253 (grifo nosso).
- [21] *Ibid*, p. 253.
- [22] Ao resgatar um pouco a história de vida de São Cipriano, notamos que ele se interessa por mulheres em dois momentos de sua vida. A primeira mulher que lhe surge, chamada Elvira, foi conquistada depois de muitas brigas, magias e feitiços sob um reinado, e a segunda mulher, Clotilde, para conquistá-la, Cipriano teve também de fazer muitos esforços e se submeter a muitos feitiços.
- [23] Adotamos esse nome composto pela presença dos indícios que o próprio personagem nos dá durante a leitura: “(...) se o meu xará João-de-barro fecharia sua olaria (...)” (ROSA, 1993: 244) e “(...) porque, nesta estória, eu também me chamarei José.” (ROSA, 1993: 245)
- [24] *Ibid*, p. 247.
- [25] *Ibid*, p. 267.
- [26] *Ibid*, p. 247-8.
- [27] ROSA, J. G. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.111.
- [28] LORENZ, G. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, E. *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 81.
- [29] Todas as citações deste parágrafo são referentes à mesma edição: ROSA, J.G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993
- [30] JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento. A pregação de Jesus*. (Tradução de João Rezende Costa). São Paulo: Paulinas, 1977, p. 16. *Koiné* era um dialeto ático comum entre os helênicos e helenizados proliferado através das conquistas do imperialismo macedônico com Alexandre Magno (fins do séc. IV e início do séc. II). Grande parte das obras dos primeiros autores cristãos foram escritas em *koiné* para uma melhor apreensão popular. (PARREIRAS HORTA, 1983: 67-70)
- [31] Em algumas edições de tradução para o português, esse traço estilístico do evangelista Marcos acaba desaparecendo. É o caso de uma das duas versões utilizadas nesse trabalho.
- [32] ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 253-4.
- [33] *Ibid*, p. 261.
- [34] *Ibid*, p. 267.
- [35] Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, Mc 15: 33-34.
- [36] *Ibid*, Mc, 15:34.
- [37] *Ibid*, Mc 15: 37.
- [38] ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 267.
- [39] *Ibid*, p. 257-8.
- [40] Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, Mc 5:1.
- [41] *Ibid*, Mc 6: 32.
- [42] *Ibid*, Mc 6: 45.
- [43] *Ibid*, Mc 6: 53.
- [44] *Ibid*, Mc 4: 9.

[45] Algumas passagens em Mc, podemos notar que até mesmo para os discípulos a compreensão das parábolas não era fácil, algumas vezes Jesus se separava do povo e explicava melhor somente para os apóstolos. “Se não compreendeis essa parábola, como podereis entender todas as parábolas?” (Mc 4,13) ou ainda, “E quando, ao deixar a multidão, entrou em casa, seus discípulos o interrogaram sobre a parábola. E ele disse-lhes ‘Então, nem vós tendes inteligência?’” (Mc 7, 17-18).

[46] Ibid, Mc 4: 9.

[47] ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 242.

[48] Palavra em aramaico com significa “Meu Mestre” ou “Mestre”. (Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002, p. 1775.

[49] Ibid, p. 1775, Mc 10: 46-52.